

# Notas sobre a gramaticalização de conectores causais x-que

Fabrício da Silva Amorim

Instituto Federal da Bahia (IFBA)

Este artigo investiga a gramaticalização de três conectores causais formados a partir da associação de uma base léxico-gramatical ao item *que*: *já que*, *posto que* e *visto que*. Para tanto, adota uma perspectiva funcionalista de análise, que, pautando as relações entre estrutura e usos linguísticos, concebe a gramática como um sistema variável e emergente. Com base em dados recolhidos de uma amostra longitudinal, identifica os principais mecanismos que atuam na gramaticalização desses conectores, quais sejam, reanálise, analogia, metáfora e metonímia. As análises apontam para uma relação complementar entre os mecanismos cotejados, que, no caso dos elementos em pauta, operam tanto na dimensão da forma quanto na dimensão do significado, corroborando a natureza complexa dos processos de gramaticalização.

## Introdução<sup>1</sup>

Na perspectiva funcionalista, os estudos de gramaticalização têm se mostrado bastante profícuos para a compreensão de mudanças nos níveis morfossintático e semântico-pragmático. Nesse ramo de investigação, destacam-se trabalhos que abordam (re)arranjos no paradigma de conectores em diferentes línguas (KORTMANN, 1997; BARRETO, 1999; WANG; HUANG, 2006; FAGARD, 2009; RODRIGUES, 2018). Alinhados a uma visão cognitivo-funcional da linguagem (BYBEE, 2010), esses trabalhos descrevem, em perspectiva sincrônica e/ou diacrônica, processos responsáveis pela emergência de novos (usos de) itens linguísticos que podem atuar no domínio da junção intra- e interoracional.

O presente estudo, de caráter qualitativo, pauta-se pelo método diacrônico (COSERIU, 1979)<sup>2</sup> para avariar e discutir hipóteses explicativas sobre a gramaticalização de conectores causais do tipo *x-que*. Tais conectores, na medida em que são formados pela integração entre uma base léxico-gramatical e o item *que*, podem ser, por exemplo, de natureza i) nominal: *por causa que*; ii) verbal: *posto que*, *visto que* ou iii) adverbial: *já que*, *pois que*. Dessa forma, a partir de dados coletados de uma amostra longitudinal (AMORIM, 2017), são descritos, neste trabalho, processos de mudança formal e funcional envolvidos na emergência de três conectores *x-que* que expressam causalidade: *já que*, *visto que* e *posto que*.

O surgimento de conectores perifrásticos, a partir da integração entre uma base e o item *que* (origem latina: *quod*, *quid*), tem sido verificado desde o latim tardio. Segundo Baño (2010), os conectores latinos *eo quod*, *pro eo quod* e *propter quod*, utilizados na expressão de relações causais, formaram-se a partir do mesmo modelo construcional -  $[x-que]_{connect}$ <sup>3</sup> - que se tornou produtivo na formação de locuções conectivas, nas línguas românicas. Assim, no português, a ampliação do paradigma de conectores resulta, principalmente, desse processo por meio do qual nomes, verbos, advérbios e preposições se combinam com a partícula *que* para recategorizarem-se em locuções conectivas (Cf. SAID ALI, 1971; BARRETO, 1999).

Além desta *Introdução* e das *Considerações Finais*, este texto organiza-se em cinco seções. Na seção 1, são abordados os pressupostos teóricos que subsidiam o tratamento da mudança linguística em perspectiva cognitivo-funcional; na seção 2, explicitam-se os aspectos metodológicos

que orientam a investigação; as seções 3, 4 e 5 são dedicadas à análise dos processos de gramaticalização, respectivamente, dos conectores *já que*, *posto que* e *visto que*.

## 1 Comunicação, cognição e gramaticalização

A língua, sob um viés cognitivo-funcional (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011), constitui um sistema no qual dados da experiência com o mundo sociofísico são reconfigurados em dados conceptuais e, por fim, codificados como material linguístico. Nessa perspectiva, considera-se, portanto, que o processamento das estruturas linguísticas, cujo ponto de partida encontra-se na realidade exterior, passa por um *filtro* cognitivo e segue para a codificação no plano linguístico. Dessa forma, o mundo biofísico e a cognição vinculam-se por um processo de *retroalimentação*: relações da realidade exterior alimentam a cognição do mesmo modo que a cognição alimenta (a percepção de) essas relações exteriores. Na dimensão linguística, destaca-se o papel da pragmática, que, entendida como o componente circunscrito pelo uso, pode afetar/*filtrar* as relações entre o mundo sociofísico e a cognição.

Dessa maneira, a variação e a mudança linguística podem ser explicadas a partir de aspectos da comunicação – pragmática – e de processos mentais – cognição –, como propõem diversos modelos de análise linguística desenvolvidos no âmbito do paradigma genericamente referido como Funcionalismo (Cf. NEVES, 2018). Um desses modelos é a gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003[1993]), uma vertente teórico-metodológica dedicada a investigar mudanças morfossintáticas e semântico-pragmáticas que, em sentido amplo, envolvem trânsitos (unidirecionais) do léxico para a gramática. O termo gramaticalização também designa o próprio objeto de investigação dessa vertente, referindo-se, portanto, ao processo pelo qual itens lexicais, em contextos/construções específicos, afastam-se de um polo de lexicalidade e assumem função (mais) gramatical:

-

Existe, assim, inerente aos sistemas linguísticos, uma tendência à economia interna, que os faz utilizar elementos velhos para expressar idéias novas. Esse é o móvel básico do *continuum* da gramaticalização, que preenche sentidos/funções advindos das relações estritamente linguísticas, portanto dos elementos **gramaticais**, utilizando elementos **lexicais**, de sentidos/funções advindos das relações entre o mundo exterior e a língua, já disponíveis em dada língua. (COSTA, 2003, p. 67 – grifos da autora)

-

A gramaticalização, conforme assinala Diewald (2011, p. 366), “é um tipo de mudança linguística complexo e multifatorial que não consiste de um único processo, mas de um conjunto de processos que interagem entre si”<sup>4</sup>. Na complexidade desse processo, encontram-se propriedades e mecanismos que evidenciam interrelações entre pragmática e cognição na mudança linguística (Cf. GÖRSKI et al., 2004). No caso da gramaticalização dos conectores aqui investigados, essas relações se revelam nos mecanismos de reanálise, analogia, metonímia e metáfora<sup>5</sup>.

De natureza essencialmente cognitivo-funcional, esses mecanismos costumam operar, em processos de gramaticalização, de maneira interrelacionada<sup>6</sup>, impactando diferentes dimensões linguísticas. Assim, reanálise e analogia figuram como mecanismos que atuam, respectivamente, nos eixos sintagmático e paradigmático; a metonímia e a metáfora, por sua vez, representam mecanismos primariamente semânticos, pois acionam mudanças de sentido (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

De maneira bastante sumária, tais mecanismos<sup>7</sup> podem ser assim definidos:

1. *reanálise*: opera uma reinterpretação no eixo sintagmático, que, motivada pela contiguidade de duas entidades linguísticas, redefine as fronteiras de constituintes, criando uma nova forma (LANGACKER, 1977).
2. *analogia*: implementa-se pela adoção de um parâmetro, determinado pela alta frequência e regularidade de uma entidade linguística, tomada como modelo para generalização de uma construção ou de uma regra (BYBEE, 2010). Pode, com isso, criar uma nova forma dentro de uma categoria ou promover a migração de uma forma para categoria distinta.
3. *metáfora*: processo de reconceptualização semântica que prevê transferência unidirecional de sentidos de um domínio experiencial (concreto) para domínios mais abstratos (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).
4. *metonímia*: aciona sentidos emergentes entre elementos em contiguidade, disparando, assim, por inferência pragmática, a assimilação de novos sentidos em uma construção linguística (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Os mecanismos da gramaticalização revelam, dessa maneira, o papel decisivo dos usuários da língua na promoção da mudança linguística: seja, por exemplo, reinterpretando fronteiras de constituintes, seja inferindo ou estendendo sentidos, são as suas ações interacionais – e os seus consequentes efeitos cognitivos – que alteram arranjos semânticos e estruturais.

## 2 Aspectos metodológicos

O material de investigação deste trabalho consiste em uma amostra longitudinal organizada por Amorim (2017), contendo textos datados dos séculos XIII ao XXI<sup>8</sup>. Inspirando-se em proposta de periodização adotada por Barreto (1999), Amorim (2017) distribui os textos da amostra em quatro sincronias, quais sejam, português arcaico (séculos XIII-XV), português moderno (séculos XVI e XVII), português contemporâneo I (séculos XVIII-XX) e português contemporâneo II (amostra de fala do século XXI). O autor explica que, para a organização do *corpus*, manteve simetria qualitativa, selecionando textos com padrões semelhantes em termos de gêneros e tradições discursivas, e quantitativa, de modo que cada século dispusesse de um total de 11000 palavras, correspondendo, assim, a 33000 palavras por sincronia, salvo a amostra de fala, que, representada apenas pelo século XXI, totaliza 31000 palavras (AMORIM, 2017, p. 76).

Algumas análises, entretanto, baseiam-se em dados recolhidos do “Corpus do Português” (DAVIES; FERREIRA, 2006), que, dispondo de mais de 45 milhões de palavras, reúne textos (do século XIV ao século XX) escritos e falados, viabilizando, por meio de ferramentas de busca, o levantamento e a aferição da frequência de dados por variedade do português (europeu ou brasileiro), sincronia e tipo textual (oral, ficção, jornalístico e acadêmico). No presente trabalho, os dados desse *corpus* foram extraídos da subamostra “Gênero/Histórico”, sem que houvesse refinamentos qualitativos ou quantitativos, visto que foi utilizada, paralelamente à amostra de Amorim (2017), apenas para fins de comparação no que concerne à localização temporal dos dados<sup>9</sup>.

Quanto aos dados, a tabela a seguir exhibe, em valores absolutos, um panorama da distribuição diacrônica dos conectores causais *x-que*, atestando a sua baixa frequência no *corpus*:

Conector <i>x-que</i>	Português Arcaico (XIII-XV)	Português Moderno (XVI-XVII)	Português Contemporâneo I (XVIII-XX)	Português Contemporâneo II amostra de fala (XXI)	Total
<i>Pois que</i>	10	3	-	-	13
<i>Já que</i>	-	3	2	1	6
<i>Posto que</i>	-	2	-	-	2
<i>Visto que</i>	-	-	3	-	3
<i>Por cause que</i>	-	-	-	18	18

Total	10	8	5	19	42
-------	----	---	---	----	----

**Table 1.** TABELA 1- Conectores causais x-que em diacronia Fonte: elaborada pelo autor

Neste estudo, como já apontado, consideram-se apenas os conectores *já que*, *posto que* e *visto que*.<sup>10</sup> Com base em pressupostos teórico-metodológicos da gramaticalização (KORTMANN, 1997; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2010; DIEWALD, 2011; MARTELOTTA, 2011), busca-se descrever as mudanças formais e semântico-pragmáticas que explicam a emergência dos conectores em pauta, tomando-as como propriedades que, ao longo desse processo, evidenciam a atuação de mecanismos de gramaticalização.

Contudo, a baixa frequência de dados representa uma limitação metodológica – ainda que este trabalho se pautar por uma abordagem qualitativa –, já que inviabiliza considerações conclusivas acerca das mudanças experimentadas pelos conectores em estudo; daí apresentarem-se, conforme se registra no título deste texto, “notas” sobre a gramaticalização desses conectores, as quais, muitas vezes, assumem o estatuto de *hipóteses explicativas*.

### 3 Gramaticalização de *já que*

Entre os conectores estudados neste trabalho, *já que* representa a forma de registro mais antiga, sendo identificada a partir do século XVI<sup>11</sup>:

(1) ... djzendo lhe que o podja bem fazer pq dele não auia de aver sospejta *ja q* o tjnhão em tam boa comta. (CDA, XVI)

Segundo Barreto (1999), a gramaticalização de *já que* se deve a uma reorganização sintagmática – reanálise – ocorrida em contextos em que o advérbio *já* e o conector causal *que*, dispostos em sequência, puderam ser reinterpretados como uma única construção, resultando na recategorização *já/que* > *já que*. Em relação à mudança semântica envolvida nesse processo, a autora explica que o item *que*, tendo sentido causal nos contextos propícios à reanálise, desencadeou uma metonímia pela qual *já* assimila esse sentido. Assim, conforme proposta de Barreto, a gramaticalização de *já que* tem a seguinte representação:



**Figure 1.**

No *corpus* do presente trabalho, não se verifica contexto sugestivo da reanálise que teria dado origem ao conector *já que*; outras pesquisas, contudo, corroboram a atuação desse mecanismo no seu percurso de gramaticalização, apresentando dados bastante ilustrativos:

(2) ... fazia um tempo *já que* a gente num tava se entendendo::do sabe? (AC-035 apud GALBIATTI, 2008, p. 64)

(2a) [fazia um tempo *já*] [*que* a gente num tava se entendendo].

(3) ...e a sua eigreja assi deles livrou, ca os que mal quer ela, ben assi os eixilla. A que por nos

salvar ... E porend' a eigreja sua quita é *ja*, *que* nunca Mafomete poder y averá. (*Cantigas de Santa Maria*- séc. XIII apud FERNANDES, 2019, p.103)

(3a) [E porend' a eigreja sua quita é *ja*] [*que* nunca Mafomete poder y averá]

Nos exemplos acima, *já* e *que* pertencem a segmentos oracionais distintos, não constituindo, portanto, uma forma gramaticalizada. Em (2), *já* mantém o seu estatuto adverbial, enquanto *que* é um relativizador. O exemplo (3), identificado em texto do português arcaico, além de ilustrar um estágio primário da gramaticalização de *já que*, parece corroborar a argumentação de Barreto (1999), segundo a qual o adverbial *já*, por metonímia, teria assimilado o valor causal de *que*: “E por isso a sua igreja é livre já, que [pois] nunca Maomé poder nela terá”.

Entretanto, dados apresentados por Galbiatti (2008) revelam que a reinterpretação sintagmática que dá origem a *já que* instancia-se em contextos nos quais *que* tem outras funções gramaticais, além da de conector causal apontada por Barreto (1999), podendo representar um pronome relativo, como em (2) acima, ou uma conjunção integrante, como no exemplo a seguir, no qual se observa que o advérbio *já* figura entre o verbo e a oração que nele se encaixa:

(4) ... assim é pouco distância que têm ... MIL QUILOMETRO quinhentos metro cê vê *já que* a montanha: assim:: é alta ... aí:... voltando né? volta pra praia do la::do... (AC-087 apud GALBIATTI, 2008, p. 64)

(4a) [quinhentos metro cê vê *já*] [*que* a montanha é alta]

É preciso frisar que, embora a hipótese de Galbiatti (2008) se baseie apenas em dados do português contemporâneo, trata-se de uma proposta pertinente para a compreensão da gramaticalização de *já que*, pois, segundo o *princípio do uniformitarismo* (LABOV, 1972), tendências de variação ou mudança verificadas na fase atual da língua estão sob efeito dos mesmos condicionantes que atuaram em sincronias pretéritas<sup>12</sup>.

Desse modo, considerando a proposta de Galbiatti e o fato de que o emprego causal de *que* é bastante raro na história do português (Cf. AMORIM, 2017; OLIVEIRA, 2020), pode-se buscar um percurso distinto daquele descrito por Barreto (1999), para explicar a aquisição do sentido causal de *já que*. Longhin-Thomazi (2004), ao investigar a gramaticalização de conectores de base adverbial, apresenta dado em que *já*, no português arcaico, carrega sentido ambíguo, podendo indicar tempo ou causa:

(5) E quanto esto souberom em terra de Judea, fezerom gram planto por Jonatas, cuidando que era morto. E os gentijs, que moravam a rredor de Judea, disserom: *já* os Judeus nom ham princepe, teremo-los do mundo. E ajuntou Triphom sua hoste pêra vjlm a terra de Judea para a destruir... (14BMP, p.406 apud LONGHIN-THOMAZI, 2004, p. 229).

A identificação desse dado adiciona uma nova hipótese para a compreensão da mudança semântica efetivada (acionada?)<sup>13</sup> pela reanálise que deu origem ao conector *já que*: dada a produtividade de processos de mudança caracterizados pela trajetória *tempo > causa*,<sup>14</sup> fenômeno que se deve ao fato de a noção de sequencialidade temporal estar implícita na relação de causalidade, o desenvolvimento de sentido causal observado na gramaticalização de *já que* implementa-se também por metáfora – e não apenas por uma metonímia disparada pelo emprego causal de *que*, conforme defende Barreto (1999). Assim, como explica Fernandes (2019), a noção de tempo codificada pelo

advérbio *já* (passível ela própria de sofrer deslizes para o domínio de causalidade) representa um domínio-fonte a partir do qual, com a reanálise, emerge o sentido causal (mais abstrato) de *já que*.

Corroborar essa última hipótese o fato de o advérbio *já* apresentar a noção aspectual de perfectividade (CÂMARA, 2006), que, ao indicar conclusão/resultado, aponta para uma relação entre o ponto inicial e final de um evento. Esse traço favorece uma leitura causal, que, em sentido estrito, envolve um *evento-causa* (ponto inicial) e um *evento-efeito* (ponto final). Nesse caso, o elemento *que*, seja relativizador, seja conjunção integrante, assimila um sentido que emerge em *já*, o que remete a um processo metonímico com trânsito contrário aos casos em que o advérbio se liga ao *que* com função de conector causal:



Figure 2.

Dessa forma, metonímia e metáfora atuam como mecanismos complementares na gramaticalização de *já que*: a primeira acionando a emergência e assimilação de sentidos entre as formas *já* e *que*, e a segunda endossando uma transferência desses sentidos para um domínio mais abstrato, ou seja, da causalidade. Com isso, o esquema da gramaticalização de *já que* tem a seguinte reformulação:

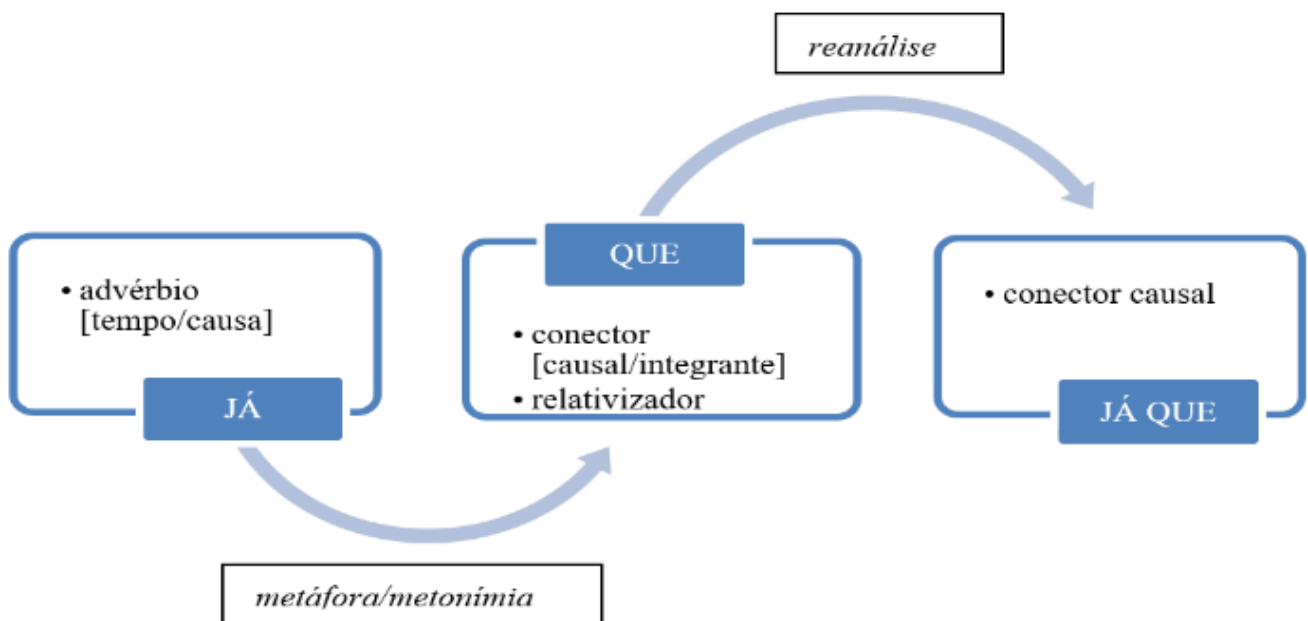


Figure 3.

## 4 Gramaticalização de *posto que*

De registro aparentemente mais tardio que *já que*, o uso causal do conector *posto que* é encontrado, no *corpus* desta pesquisa, em textos datados a partir do século XVII<sup>15</sup>:

(6) Porque o valor do Governador Fernam de Sousa, & o grande cuidado, & vigia com que todo este mes, de noyte, & de dia, assistio armado no campo com seus capitães, não deixou lugar a se atreuer o pirata saltar em terra, onde em breues horas tiuera certa sua perdição; mas *posto que* não leou



aqui o castigo que merecia, não lhe faltou na Capitania do Spirito Santo, 100. legoas da Bahya pera a banda do Sul, onde aportou a 12. de Março de 625...(JVC, XVII)[16](#)

Como conector concessivo, observa-se a sua gramaticalização já no século XIV:

(7) E dise-lhe o tirão que, se não cessasse de chamar o nome de Jhesu, que lhe mãdaria talhar a lingua, e dise-lhe Sancto Ignacio: *posto que* me talhes a lingua, não cessarey porem de chamar o nome de Jhesu, porque o tenho scripto emno meu coração. (OE, XIV)

Ao abordar o processo de gramaticalização de *posto que*, Barreto (1999) também reconhece o seu uso causal como mais tardio que o concessivo, apontando a reanálise como o mecanismo responsável por sua emergência:

A forma do particípio passado do verbo *pôr*, *posto*, inicialmente, seguida de uma oração substantiva subjetiva, introduzida por uma conjunção integrante *que*, após a reanálise do período, reuniu-se à conjunção, dando origem a uma conjunção concessiva." (BARRETO, 1999, p. 395).

Entretanto, a explicação da autora carece de dados que ilustrem o contexto favorável à reanálise descrita acima. No *corpus* do presente trabalho, também não é possível identificar ocorrências em que a forma verbal *posto* integre uma oração matriz na qual se encaixa uma oração subjetiva introduzida por *que*.[17](#) Assim, dada a aparente escassez de contextos reveladores da reanálise de *posto que* em sincronias pretéritas, é necessário considerar o princípio do uniformitarismo – como o faz Galbiatti (2008) ao tratar da gramaticalização de *já que* –, para, a partir de dados do português contemporâneo, entrever os possíveis contextos em que *posto que* teria sido reanalisado como uma forma conectiva, conforme mostram os exemplos a seguir, obtidos pela consulta ao “Corpus do Português”:

(8) Deus tem *posto que*, quando o justo comete erros, pecados e males depois de crer em Jesus, eles devem ser lavados de todos esses pecados crendo no batismo... (bjnewlife.org)

(8a) [Deus tem *posto*] [*que* quando o justo comete erros...]

(9) Concordo com o texto, sempre foi *posto que* temos que procurar algo mais, temos que ser melhor. ()\_

(9a) [sempre foi *posto*] [*que* temos que procurar algo mais...]

Nos dois exemplos, as formas *posto* e *que* pertencem a segmentos sentenciais distintos, visto que a primeira, constituindo o núcleo de uma locução verbal (*tem posto*; *foi posto*), está no escopo de uma oração matriz, enquanto a segunda introduz uma oração encaixada. No entanto, tendo em vista que a gramaticalização primária de *posto que* deu origem a um conector concessivo, os exemplos acima parecem ilustrativos apenas para a compreensão de aspectos estruturais desse processo, não revelando como teriam se dado as mudanças semântico-pragmáticas nele envolvidas.

Com base nos dados deste e de outros trabalhos (BARRETO, 1999; MANOLIO, 2018), verifica-se que a mudança nos usos de *posto que*, entre os séculos XIV e XVII – concessivo > causal –, destoa

de uma trajetória de mudança semântica amplamente atestada em diversas línguas, uma vez que, cognitiva e diacronicamente, a noção de causa seria primária em relação a de concessão, e não o contrário, como evidencia o estudo tipológico de Kortmann (1997).

Kortmann (1997) mostra que deslizamentos semânticos, experimentados por conectores adverbiais de uma vasta amostra de línguas europeias, revelam-se diacronicamente unidirecionais. A partir da identificação de quatro grandes sistemas semântico-cognitivos, a saber, Tempo, Modo, Lugar e CCCC (causa, condição, contraste e concessão), o autor explica que a noção de causa é mais básica (cognitivamente menos complexa) que a de concessão; por conseguinte a emergência do sentido concessivo costuma ser, em processos de gramaticalização de uma mesma forma, posterior à do sentido causal. Com isso, pode-se afirmar que, no caso do conector *posto que*, a trajetória de mudança é bastante inesperada, pois o seu emprego como conector concessivo data do século XIV, enquanto o seu uso como conector causal parece se firmar só a partir do século XVII.

No entanto, cabe salientar que o emprego causal de *posto que* não surge em detrimento do uso concessivo, que se manteve produtivo (Cf. BARRETO, 1999). É possível, então, que a relação diacrônica entre *posto que* concessivo e sua variante causal não seja derivativa: a mudança concessão>causa verificada na trajetória desse conector pode estar relacionada a outros correlatos contextuais, e não a um processo diacrônico-metafórico pelo qual um domínio semântico-pragmático serve de fonte para a criação de um novo domínio (espaço>tempo>causa, por ex.). O exemplo a seguir, retirado do “Corpus do Português”, corrobora essa hipótese, na medida em que exhibe emprego causal de *posto que* já no século XV, período, portanto, mais próximo ao que se verifica a sua gramaticalização em conector concessivo:

(10) O grande ffe de molher: a qual creoo seer tanta virtude nas vistiduras de xpistto que soamente por as tocar logo receberia saude: a qual pellos phisicos non podia auer *posto que* tanto despeneo com elles que emproueçeo. (EEER, 1497)

(10a) [a mulher não poderia obter saúde pelos médicos, *pois* tanto gastou com eles que empobreceu]

Assim, pode-se apontar a morfologia verbal da oração introduzida por *posto que* como uma das coordenadas contextuais que motivam o seu emprego causal: de acordo com Barreto (1999, p. 396), o surgimento do sentido causal de *posto que* atrela-se ao fato de ele se conectar a orações com verbo no indicativo, propriedade bastante incomum no seu uso concessivo. Essa observação encontra respaldo na amostra examinada nesta pesquisa, em que o emprego causal de *posto que* é observado em orações com verbo no indicativo, diferentemente do seu uso como concessivo, o qual, categoricamente, está circunscrito a segmentos com verbo no subjuntivo.

Diversos trabalhos atestam a relação entre causalidade e o modo verbal indicativo. Neves e Braga (2016), em estudo sobre as orações causais no português culto falado, evidenciam que mais de 95% delas apresentam verbo no indicativo. Ao investigar as diferentes formas de codificação morfossintática da noção de causa, Carvalho (2002) mostra que o uso do indicativo figura como a principal convergência entre estruturas causais paratáticas e hipotáticas, corroborando, portanto, que “o *indicativo* é o modo votado para expressar causa, já que a expressão da causa constitui uma proposição com certo grau de certeza” (NEVES, 2000, p. 818 – destaque da autora)[18](#).

Desse modo, a mudança de sentido observada em *posto que* pode ser de natureza metonímica: coordenadas contextuais licenciaram uma leitura causal, promovendo uma trajetória inusitada do ponto vista semântico-pragmático, mas compreensível, se considerado que a mudança linguística, operada pela criatividade e imprevisibilidade do discurso, alinha-se a tendências possíveis, e não a padrões absolutos (MARTELOTTA, 2011). Nesse caso, portanto, a mudança é instanciada por inferências que subjazem à morfologia verbal (subjuntivo vs. indicativo).



Outra hipótese explicativa para os diferentes usos de *posto que* baseia-se na origem latina da sua base. Said Ali (1971) explica que, no latim, participios como *dado*, *posto* e *admitido* são usados, em construções do *ablativo absoluto*,<sup>19</sup> para indicar relações circunstanciais (causa e concessão, por ex.). Com isso, pode-se supor que os sentidos de *posto que* representem uma persistência dos usos latinos da sua base verbal. Dados coletados do “Corpus do Português” atestam o emprego da forma participial *posto* como um conector concessivo, validando a hipótese de que esse sentido já estaria nela semantizado antes da associação ao item *que*:

(11) E os beneficiados em ordens menores que *posto* nam sejam d'ordens sacras viuem como crerigos e por taaees sam aujdos. (Foraes, XIV)

(12) *Posto* seja esta a primeira vez que nos vemos, há muito que o senhor é meu conhecido. (Távora, XIX)

Esses exemplos conduzem, ainda, a uma nova hipótese quanto ao mecanismo estrutural que resultou no surgimento do conector *posto que*, já que a função conectiva de *posto* pode ter sido anterior à sua integração ao *que*. Dessa maneira, já funcionando como conector, *posto* se combinaria com a partícula *que* não por reanálise, mas por analogia. Duas observações sustentam essa hipótese: i) a escassez, como já assinalado, de dados que ilustrem o contexto favorável à reanálise e ii) a produtividade de formas *x-que* presentes, desde o português arcaico, no inventário dos conectores (Cf. BARRETO, 1999, p. 519-521), que podem ter sido tomadas como modelo para a analogia.

Assim, o esquema a seguir ilustra o processo de gramaticalização de *posto que*:

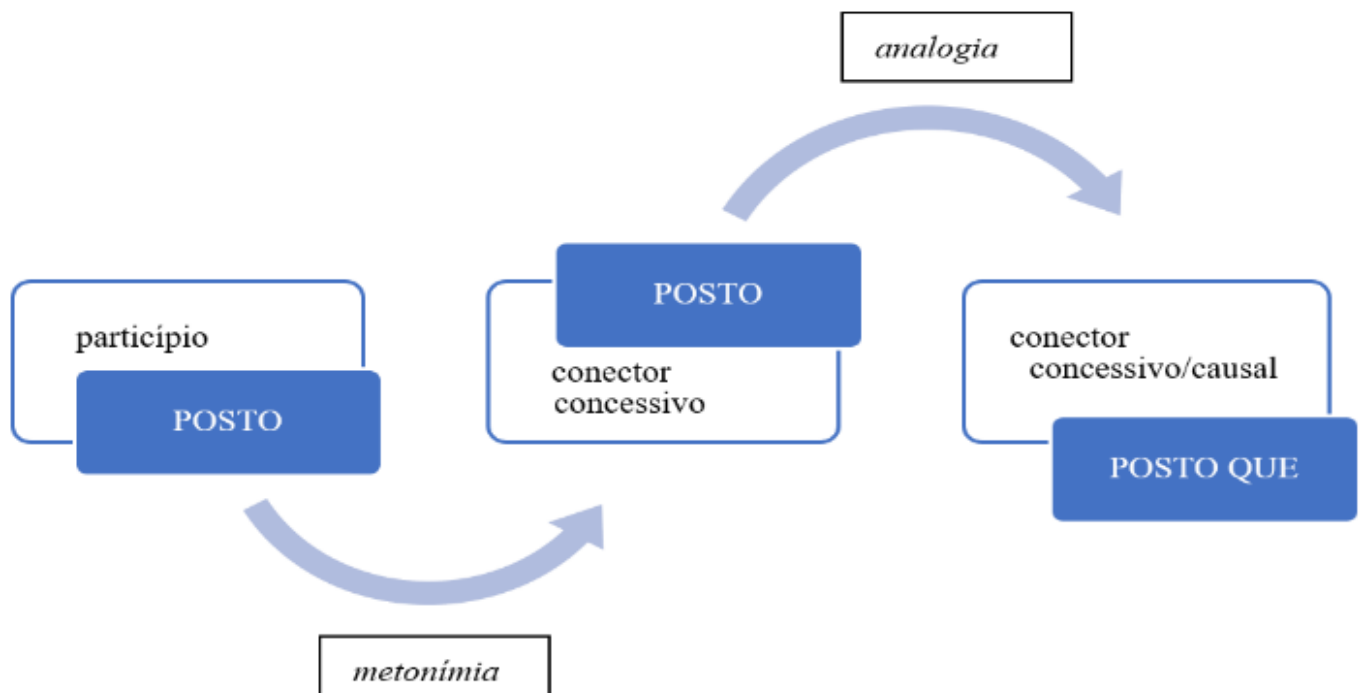


Figure 4.

## 5 Gramaticalização de visto que

Assim como *posto que*, *visto que* constitui um conector causal *x-que* de base participial. Seus

primeiros registros, no *corpus* deste trabalho, datam do século XIX:

(13) Perguntou-se-lhe o motivo porque tinham levado esses cartuxos, *visto que* sabia terem elles sido avisados para huma revista, e se o seo Commandante do Batalhão não tinha passado a sua primeira revista... (CL, XIX)

Todavia, no “Corpus do Português”, as primeiras ocorrências desse conector podem ser identificadas a partir do século XVII<sup>20</sup>:

(14) Se isto assim é, *visto que* nós somos o verdadeiro e geral remédio dos monarcas, nós sós devemos ser seus conselheiros. (AD, XVII)

Uma primeira hipótese explicativa para a gramaticalização desse conector é apresentada com base no mecanismo de reanálise, haja vista os indícios diacrônicos representados por contextos em que as formas *visto* e *que* aparecem em contiguidade, mas pertencendo a sentenças distintas, conforme mostram os exemplos abaixo, também coletados do “Corpus do Português”:

(15) A sseptima diz: "que nom sejamos derribados na temptaçom, mas que nos livres de mal". E aqesto bem he *visto* que aa virtude da fortelleza, que de nosso senhor nos he outorgado, deve pertecer, per a qual nos guardamos e teemos contra todo mal, e nos esforçamos a sseguyr toda virtude. (LC, XV)

(15a) [E aqesto bem he *visto*] [*que* aa virtude...]

(16) E que, se aos do seu conselho pareceo que cõ justiça concediã esta carta de marca, *visto* he que sera mau de fazer mudarem-se do que ja lhe tem parecido. (CDJ, XVI)

(16a) [*visto* he] [*que* sera mau de fazer...]

Desse modo, o conector *visto que* pode ter emergido de construções de encaixamento, nas quais *visto*, base de uma oração nuclear, é seguido do item *que* introdutor de uma oração encaixada com função subjetiva. No exemplo (16), além do contexto sintagmático favorável à reanálise, observa-se, considerando-se todo o complexo oracional, o estabelecimento de uma relação de causalidade – “se, ao conselho, pareceu que concederam, com justiça, esta carta de marca, é visto que [portanto] será ruim mudarem o que já lhe tem parecido<sup>21</sup>. O fato de a construção *é visto* integrar contextos dos quais emergem inferências causais parece sinalizar o gatilho que acionou o sentido causal semantizado por *visto que*.

Ademais, sendo a causalidade um tipo de relação semântica que sempre apresenta certo grau de subjetividade (AMORIM, 2017; NEVES, 1999; PAIVA, 1996), outro aspecto favorecedor do sentido causal assumido por *visto que* é a própria construção *ser+visto*, que pode carrear um alto grau de subjetividade, uma vez que, pragmaticamente, é comparável às construções *ser + adjetivo avaliativo/modalizador* (é notório, por ex.). Dias (2013) explica que

-  
no complexo oracional subjetivo, as orações encaixadas subjetivas passam a funcionar como a

informação mais relevante e a oração matriz se gramaticaliza e passa a ser um marcador de atitude do falante, assemelhando-se aos advérbios modalizadores que ocupam várias fronteiras entre os constituintes oracionais. (DIAS, 2013, p. 92 – destaque acrescido)

-

Assim, a subjetividade presente na oração matriz *ser + visto* demonstra-se favorável a um processo metonímico responsável por instaurar inferências pragmáticas que, num segundo momento, são semantizadas:

(17) O ônibus já se preparava para o embarque. Dali em diante enfrentaria mais dezesseis horas de estrada, *visto que* a cidade onde iria morar ficava no extremo oeste do Estado. (D&G, XX)

(17a) *É visto/claro/notório que* a cidade onde iria morar ficava no extremo oeste do Estado, portanto, dali em diante enfrentaria mais dezesseis horas de estrada.

Na gramaticalização de *visto que*, teria ocorrido, então, a reanálise e, por conseguinte, a recategorização do verbo da oração matriz e do *que* subsequente em uma unidade que passa a funcionar como conector causal, tendo como motivação pragmática o contexto subjetivo da construção, que, além de poder representar um *marcador de atitude*, pode, ainda, configurar-se como um *marcador de assentimento*, instaurando, nesse caso, um contexto intersubjetivo: mesmo que se trate da exposição de uma informação nova, o locutor a apresenta como pressuposta, convidando/persuadindo o ouvinte a aceitá-la como facilmente inferível (DIAS, 2013, p. 99). Assim, de acordo com essa hipótese, a gramaticalização de *visto que* teria a seguinte representação:



**Figure 5.**

No entanto, tanto na amostra deste trabalho quanto no “Corpus do Português”, encontram-se ocorrências que tornam questionável a trajetória acima delineada, uma vez que atestam o emprego de *visto*, sem associação ao *que*, como conector causal:

(18) E eu, vendo o que m’a asim mandava pedir, *visto* ser justo e proveito da dita terra e dos moradores della e serviço do dito Senhor, visto seu regimento que pera ello tenho, lhe concedi a dita terra na maneira abayxo declarada com as condições da berba do dito regimento, que hé o que se segue. (CPJ, XVI)

(19) por tanto conheça o Respeitavel Publico que caso a Le-tra saia a giro, á devem consi- derar como falça, *visto* elle mes- mo dizer que está pago; O an- | nunciante hade provar sua execu-ção pelos meios que a Lei lhe tem marcado. (CL, XIX)

Considerando que existem ocorrências de *visto* com função conectiva, em sincronia na qual ainda não se registra a sua variante integrada ao *que*, pode-se concluir que esse particípio já se encontrava gramaticalizado em conector causal, o que relativiza o papel de uma possível reanálise na determinação da sua nova função gramatical. Como já atua, desde o século XVI, como conector de orações não finitas, a associação ao *que*, verificada a partir do século XVII, não promoveria uma nova gramaticalização de *visto*, mas uma ampliação dos seus contextos de uso, na medida em que

passou a ligar-se também a orações finitas<sup>22</sup>, padrão que se tornou mais produtivo.

É válido assinalar que o verbo *ver* parece apresentar-se como um forte candidato a ser recrutado para processos de gramaticalização, conforme mostram os trabalhos de Carvalho (2011; 2006), por exemplo. O surgimento de *visto que* representaria, assim, uma das instâncias da gramaticalização de construções com *ver*: *verbo* > *conector* > *marcador discursivo*.

Segundo Carvalho (2006), existem seis tipos semânticos do verbo *ver*, que vão do mais concreto/lexical (percepção sensorial) ao mais abstrato/gramatical (emprego como marcador discursivo em contexto de pausa de raciocínio, como em “deixa eu ver”). Entre esses tipos, é possível supor que o sentido causal de *visto* tenha relação com o uso de *ver* que flutua entre a percepção sensorial e a percepção intelectual (coocorrência dos sentidos físico e abstrato), o qual favoreceria um processo metafórico: o sentido da forma verbal *visto* – *percebido pela visão, notório* – permite a sua leitura como *marca de assentimento*, que, por sua vez, se estende aos contextos de causalidade. Tal análise corrobora a seguinte observação de Neves e Coneglian (2018):

-

Duas coisas devem ser levadas em consideração ao analisar-se a base de *visto que*: (i) o valor lexical do verbo *ver*, que está metaforicamente associado à evidencialidade; (ii) o valor participial de *visto*, cuja telicidade, como aponta Neves (2006), favorece a noção de causalidade (NEVES; CONEGLIAN, 2018, p. 18).

-

Nesse sentido, o verbo *ver* constitui uma instância possível de manifestação lexical da evidencialidade, entendida como “a categoria responsável pela indicação da fonte da informação veiculada em um enunciado” (HATTNER, 2018). Esse traço, em sentido lato, associa-se à causalidade, uma vez que, ao apresentar a causa de um evento, o falante apresenta ao interlocutor um estado de coisas assumido como evidente. Em outras palavras,

-

a construção causal com *visto que* configura-se pelo estabelecimento de um elo causal entre conteúdos mediado pelo ‘conhecimento’, ao qual o falante chega por meio de mecanismos de ‘indução’, com base em algum tipo de evidência, o que significa que o próprio falante, independentemente de quem seja, apresenta-se como “validador” desse conhecimento indutivo. (NEVES; CONEGLIAN, 2018, p. 20).

-

A telicidade, por sua vez, representa um traço aspectual que diz respeito a um evento com finitude definida; daí estar presente em formas participiais, cujo sentido, geralmente, liga-se à percepção de ações concluídas. A noção de causalidade, cognitivamente, tem origem na observação de eventos do mundo real em que um precede e determina outro. Ou seja, um evento – concluído – é causa de outro evento. Dessa maneira, ao participarem de construções tradicionalmente tratadas como orações subordinadas reduzidas, essas formas podem expressar, entre outras circunstâncias, a causalidade:

(20) *Interditada* a ponte, tivemos que optar por um percurso mais longo.

(20a) *Visto que* a ponte foi interditada, tivemos que optar por um percurso mais longo.

Além disso, como mencionado no estudo de *posto que*, o emprego causal de *visto que* pode representar uma atualização de uma estratégia discursiva identificada no latim, pela qual participios constitutivos de construções de ablativo absoluto indicam circunstância (SAID ALI, 1971, p. 222). Dessa forma, a gramaticalização de *visto* em conector causal pode ter emergido de construções como a que se destaca no exemplo a seguir:

(21) *(Tendo)Visto o aumento das chuvas, as lojas foram fechadas.*

Coexistem, no exemplo acima, pelo menos três traços favoráveis ao deslizamento de *visto* para a categoria dos conectores causais, a saber: i) a sobreposição das percepções sensorial e intelectual, à qual subjaz a evidencialidade; ii) a telicidade, indicando um evento concluído e iii) a noção circunstancial (causal) estabelecida pela construção na qual o participio *visto* representa o elemento nuclear, traço que remonta aos usos participiais do latim. A conjugação desses traços também pode ser vista no trecho a seguir, corroborando uma leitura causal de *visto*:

(22) Que bem considerada a monstruosa variedade que houve entre os filósofos na opinião das coisas que se alcançam com o lume natural e que apenas se achará um entre todos eles que consigo mesmo se não encontre muitas vezes na própria doutrina, *visto* juntamente quão várias são as leis em todas as províncias e reinos e como se mudam cada dia em cada um deles... (SFX, XV)

Assim, tendo semantizado o sentido causal, *visto* recategoriza-se em conector e, em estágio posterior de gramaticalização, integra-se ao item *que* por meio de analogia a outros conectores de base verbal, como *dado que* e *posto que*. Como essa última hipótese conta com um maior número de indícios diacrônicos e pragmáticos, a gramaticalização de *visto que* poderia ser assim representada:

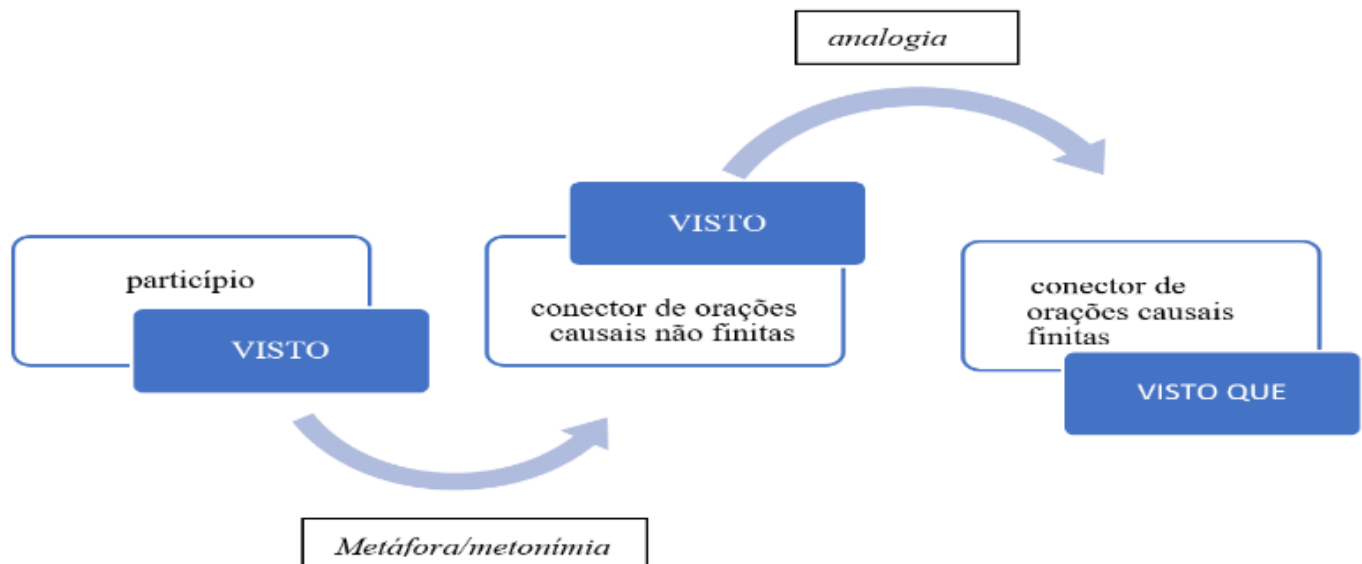


Figure 6.

## Considerações finais

Neste trabalho, a partir de uma análise diacrônica e cognitivo-funcional, foram investigados processos de gramaticalização de conectores causais que se formaram pela associação ao item *que*, referidos como *conectores x-que: já que, posto que e visto que*. Tendo em vista o paradigma dos

conectores causais, na história do português, observa-se que os itens investigados, cuja emergência, no domínio da causalidade, é verificada a partir do português moderno, são de gramaticalização mais recente e, em geral, de frequência irrisória, se comparados a conectores simples, como, por exemplo, *porque* e *pois*, que já aparecem gramaticalizados, respectivamente, nos séculos XIII e XIV (Cf. AMORIM, 2017; OLIVEIRA, 2020).

Em relação aos mecanismos que operam a gramaticalização desses conectores, identificaram-se a reanálise, a analogia, a metonímia e a metáfora: as análises empreendidas apontam para uma relação de complementariedade entre esses mecanismos, uma vez que podem acionar/intensificar, relativamente à forma e/ou ao significado, diferentes mudanças/estágios na trajetória de gramaticalização dos conectores estudados.

A atuação desses mecanismos, nos casos investigados, é sinopticamente ilustrada no quadro abaixo:

Conector	Mecanismos de gramaticalização			
	reanálise	analogia	metonímia	metáfora
<i>já que</i>	+	-	+	+
<i>posto que</i>	-	+	+	-
<i>visto que</i>	-	+	+	+

**Figure 7.** QUADRO 1 - Mecanismos da gramaticalização de conectores causais *x-que* Fonte: elaborado pelo autor.

Vale ressaltar que esses mecanismos, atuantes na mudança linguística em geral (Cf. HOPPER, TRAUGOTT, 2003), não são automáticos, isto é, não podem ser ativados apenas por forças inerentes à estrutura da língua, já que a sua operacionalização tem o falante e o contexto de uso como gatilhos. Dessa maneira, o usuário da língua, por motivações cognitivas e interacionais, constrói e altera contextos ou pode ter as suas intenções comunicativas afetadas por contextos já postos (e alterados!) por outros usuários. Nesse sentido, cognição e pragmática configuram forças que, em negociação no processamento linguístico, exercem influência decisiva nos fenômenos de mudança linguística.

As mudanças verificadas na gramaticalização dos conectores estudados são mobilizadas por mecanismos que partem de dimensões externas à estrutura linguística, atrelando-se ao contexto de uso das formas linguísticas e às experiências, percepções e necessidades sociointeracionais dos usuários da língua. Portanto, a gramaticalização dos conectores causais *x-que*, conforme se cotejou neste trabalho, ilustra como sentidos e formas das construções linguísticas podem ser reinterpretados, reanalisados e/ou integrados, a fim de renovar paradigmas gramaticais e manter otimizada a comunicação.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, F. S. *Gramaticalização de conectores causais na história do português*. 2017. 212 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2017. Disponível em .

AMORIM, F. S. *Construções causais com por causa que: um caso de gramaticalização*. 2012. 118f.





Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em

BAÑO, J. M. Del latín clásico al latín tardío: eo quod, pro eo quod y la renovación de las conjunciones causales. In: *Actas del XII Congreso Español de Estudios Clásicos*, Vol II, Madrid, 2010.

BARRETO, Therezinha. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. 636 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999. Disponível em

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BRAGA, M. L. PAIVA, M. C. A. Pois e pois que sob uma perspectiva diacrônica: alguns problemas à procura de uma resposta. *Revista Linguística*, v. Especial, p. 10-22, 2016. Disponível em

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CÂMARA, A. L. *Multifuncionalidade e gramaticalização de já no português falado culto*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2006. Disponível em

CARVALHO, C. S. Gramaticalização de verbos e contextos morfossintáticos. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 40, p. 82-91, 2011. Disponível em

CARVALHO, C. S. Usos de VER em sentenças complexas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 35, p. 532-539, 2006.

CARVALHO, C. S. Estruturas de causalidade paratáticas, hipotáticas e reduzidas: equivalências e divergências morfossintáticas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 31, 2002.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Trad. De Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSTA, S. B. B. *Adverbiais espaciais e temporais do português: indícios diacrônicos de gramaticalização*. 2003. 653 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em

DAVIES, M. FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*, 2006. Disponível em: .



DIAS, N. B. A marca da (inter)subjetividade na sentença complexa subjetiva. *Revista Confluência*, v. 44/45, p. 83-106, 2013. Disponível em

DIEWALD, G. Pragmaticalization (defined) as grammaticalization of discourse functions. *Linguistics*, 49, 2, p. 365-390, 2011.

FAGARD, B. Grammaticalisation et renouvellement : conjonctions de cause dans les langues romanes. *Revue roumaine de linguistique*, LIV (1-2), p.21-43, 2009.

FERNANDES, M. P. K. S. *A formação das microconstruções uma vez que, já que e assim que: uma abordagem cognitivo-funcional*. 2019. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em

GALBIATTI, M. E. *Análise comparativa do processo de gramaticalização das perífrases conjuncionais “agora que” e “já que”*. 2008. 118f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008. Disponível em

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GÖRSKI, E. M.; ROST, C. A.; MAGO, D. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. In: CRISTIANO, M. E. A.; SILVA C. R.; DA HORA, D. (Org.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004, p. 29-64.

HATTNER, Marize Mattos Dall’Aglia. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. esp., p. 98-111, set. 2018. Disponível em: .

HOPPER, P; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University, 2003 [1993].

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

KORTMANN, Bernd. *Adverbial Subordination. A Typology and History of Adverbial Subordinators Based on European Languages*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1997.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: LI, C. N. (ed.). *Mechanisms of syntactic change*. Austin: University of Texas Press, 1977, p. 59-139.



LONGHIN-THOMAZI, S. R. Considerações sobre gramaticalização de perífrases conjuncionais de base adverbial. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 8, p. 215-232, 2004. Disponível em .

MANOLIO, A. A gramaticalização da locução conjuntiva posto que. *Caderno Seminal Digital* (Rio de Janeiro), v. 30, p. 291-315, 2018. Disponível em

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011. p.91-123.

NEVES, M. H. M. As construções causais. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do português falado*(Volume VII: Novos Estudos). Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 461-496.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000. p. 801-829.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

NEVES, M. H. M.; CONEGLIAN, A. V. L. . O estatuto categorial dos subordinadores adverbiais complexos numa visão cognitivo-funcional da linguagem. *Revista Entrepalavras*, v. 8, p. 09-27, 2018. Disponível em:

OLIVEIRA, B. A. *A evolução da rede de construções causais no português*. 2020. 236 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PAIVA, M. C. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. 1991. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

PAIVA, M. C. Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 63-74.

PAIVA, M. C. Gramaticalização de conectores no português do Brasil. *Scripta*, v. 5, n. 9, p. 35-46, 2001. Disponível em:

PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. Conjunções lexicais e gramaticais: o caso de “por causa de”. *Gragoatá*, v. 11, n. 21, p. 73-86, 2006. Disponível em:

PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. As Construções Hipotáticas/Adverbiais. In: NEVES, M. H. M.. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. A construção das orações complexas. São Paulo: Contexto, 2016.

RODRIGUES, V. V. Uso(s) de conectores: uma abordagem funcional-discursiva. *Diadorim*, v. 20, p.



535-560, 2018. Disponível em

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

WANG, C-C.; HUANG, L. M. Grammaticalization of connectives in Mandarin Chinese: a corpus-based study. *Language and Linguistics*, 7, p. 991-1016, 2006.

## **Referências**